

## Ampliando As Possibilidades Terapêuticas Com A Equipe Reflexiva Via Zoom

Mayara Schinch Labs<sup>1</sup>  
Silvana Rita Silvestre de Oliveira<sup>2</sup>

### Resumo

*Com o objetivo de trazer a equipe de reflexão ao atendimento por meio da internet, mais especificamente pela plataforma Zoom, esse trabalho apresenta-se como uma experiência clínica como forma de ampliar o trabalho “solitário” do psicoterapeuta. Ao se inserir, mediante as práticas pós-modernas, uma equipe de reflexão nos atendimentos que se encontravam paralisados, ampliamos as vozes e ouvimos diálogos antes não percebidos e não pensados nos processos de vida que podem gerar uma narrativa mais libertadora. Por considerar o quanto essa troca de informações, ideias e indagações, oferecidas sem qualquer intenção diagnóstica e conclusiva enriquecem o processo de terapia; e também considerando um atendimento que parecia estar andando em círculo e o uso da tecnologia, foi o motivo pelo o qual esse trabalho se desenvolveu.*

**Palavras-chave:** Equipe Reflexiva; Práticas Pós-modernas; Recursos Tecnológicos.

### *Extending the Therapeutic Possibilities With The Reflexive Team By Zoom*

### Abstract

*With the objective of bringing the reflection team to the service through the internet, more specifically by the Zoom platform, this work presents itself as a clinical experience, a way of expanding the “solitary” work of the psychotherapist. By inserting, through postmodern practices, a team of reflection in the attendances that were paralyzed, we amplified the voices and we heard dialogues previously not perceived and not thought in the processes of life that can generate a more liberating narrative. Considering how much this exchange of information, ideas and inquiries, offered without any diagnostic and conclusive intention, enrich the therapy process; and also considering a service that seemed to be walking in a circle and the use of technology, was the reason why this work develop.*

<sup>1</sup> Instituto de Terapia Familiar, Comunidade, Casal e Individual (INTERFACI)

<sup>2</sup> Instituto de Terapia Familiar, Comunidade, Casal e Individual (INTERFACI)

**Keywords:** Reflexive Team; Postmodern Practices; Technology Resources.

## Introdução

A alternativa de trazer vozes externas ao processo terapêutico surgiu como possibilidade de jogar “luz” para a abertura, como possibilidade co-construída para um novo caminho. Profundamente inovador, corajoso e criativo, o grupo do psiquiatra norueguês Tom Andersen foi um dos precursores na terapia pós-moderna, cujo modelo de terapia propôs a existência de uma equipe reflexiva. Do ponto de vista histórico, foram influenciados pelo grupo de terapia sistêmica de Milão que apresentava uma equipe de observadores que assistiam à sessão numa sala de espelho unidirecional e saíam dessa sala para discutir com as famílias e terapeutas suas impressões. Andersen (2002) e sua equipe passou a dar-se conta de que, frequentemente, os clientes não eram ouvidos, e que os terapeutas faziam terapia *para* eles, numa suposta visão de saber e hierarquia e não *com* os clientes. Essa constatação orientou uma mudança de perspectiva, passando-se, então, à uma posição hermenêutica de “não-saber”, considerando a terapia como uma ação conjunta, tendo o cliente como especialista, e não mais o terapeuta.

Questionando as práticas clínicas e terapêuticas até então estabelecidas, Andersen (2002), buscou novos caminhos para colocar novamente em andamento o processo terapêutico paralisado e inovou com um modelo de atendimento no qual uma equipe, clientes e terapeutas ficavam na mesma sala, não precisando mais do uso da sala de espelho.

Este autor considera que, quando nos deparamos com sistemas paralisados, aqueles em que o processo de terapia parece andar em círculo, estamos diante de um grupo de pessoas (duas ou mais) associadas a uma ideia de fazer algo em relação a um determinado problema. Em situações como essa, Andersen (2002) sugere que o terapeuta fale com quem quiser falar, com quem pode falar e da maneira que pode falar naquele momento, para não interferir nas histórias de cada um. Como cada pessoa apresenta uma versão diferente acerca do mesmo problema, “nossa tarefa é nos empenharmos, o máximo possível, em um diálogo para compreendermos como as diversas pessoas chegaram a criar suas descrições e explicações.” (Andersen, 2002, p.64). E, em seguida, convidá-los a um diálogo onde possam considerar possibilidades antes não percebidas e não pensadas nos processos da vida. A essa troca de posições entre o falar e o escutar, Andersen (2002) denomina de processos reflexivos.

Os processos reflexivos vem carregados então com os pensamento da pós-modernidade onde o “empoderamento” do terapeuta como especialista e expert

do processo terapêutico cede lugar ao cliente como autor de sua história e detector dos possíveis caminhos e crescimento. A equipe reflexiva, desconstrói a verdade única, coloca a verdade como uma construção social e localmente situada. A terapia com isso passa a ser um exercício linguístico, sendo os terapeutas parceiros conversacionais, que se colocam como facilitadores de um processo no qual os clientes podem viabilizar novas construções de seus problemas (Anderson, 2009)

Nessa linha de pensamento os problemas não se resolvem, mas se dissolvem conforme mudam as conversações que os organizam (Anderson & Goolishian, 1988). Desse modo, além do exercício linguístico, a terapia pode ser conduzida como uma prática colaborativa, já que nenhum terapeuta possui um saber privilegiado sobre problemas e formas de viver a vida. Assim, terapeuta e cliente podem fazer emergir novas realidades por meio de conversas em que haja o respeito mútuo e que o diálogo seja um norteador (Nichols & Schwartz, 2007)

Podemos afirmar então que, os processos reflexivos, contribuem muito na terapia, pelo compartilhamento de significados num processo circular entre terapeutas e clientes e equipe de reflexão, construindo uma narrativa mais libertadora e novos significados sobre a construção de narrativas ampliadoras de possibilidades de sentido. “Qualquer que seja sua forma de uso, contudo, processos reflexivos descrevem mais uma atitude no contexto da terapia do que o uso de uma técnica” (Grandesso, 2011, p. 281).

Neste contexto, o presente trabalho, partindo dos processos reflexivos conforme desenvolvidos por Andersen (2002), propõe conciliar o uso da tecnologia com a equipe reflexiva, ou seja, gerar algumas reflexões sobre suas possibilidades de funcionamento, suas vantagens e desvantagens e como esse se insere para os clientes, terapeuta e equipe.

### **A história dessa inovação**

Essa ideia surgiu do interesse gerado por um grupo de alunos do curso do VII ICCP\INTERFACI (Certificado Internacional em Práticas Colaborativas e Dialógicas/Instituto de Terapia Familiar, Casal, Comunidade e Indivíduo) realizado na cidade de São Paulo, pelo estudo dos processos reflexivos. Eu, Silvana, em função de morar em Goiânia\Goiás, e ter outros alunos de outras cidades interessados no tema, sugeri realizar uma consulta com a equipe via internet, por meio de um aplicativo de videoconferência denominado *Zoom*. Esse recurso tecnológico era usado regularmente pelo nosso grupo antes e depois de cada

módulo de aula com o objetivo de aprofundamento teórico e proximidade entre os alunos. Essa inovação teve como inspiração, em primeiro lugar, o trabalho de Andersen (2002) que em 1985 quebrou os paradigmas da terapia familiar e da supervisão, e propôs a participação de uma equipe reflexiva nesses atendimentos. O próprio Andersen (2002) sugere que há outros meios de se realizar os processos reflexivos e alarga então nosso horizonte de trabalho e possibilidades. O outro motivador para a proposta foi um atendimento familiar Mãe\Filho muito conflitivo e cheio de debates no qual eu, a terapeuta, senti a necessidade de oferecer a escuta da Equipe Reflexiva (ER) à mãe e ao menino, com o objetivo de dar abertura a possibilidade de um diálogo colaborativo.

A família composta por mãe e filho vem tendo conflitos acerca do estabelecimento de regras e normas de convivência familiar. Os debates, por vezes, tornaram-se intensos e chegaram a agressões físicas da mãe para com o filho. A escalada da comunicação violenta sempre se iniciava por “divergências” do cotidiano a respeito de fatos corriqueiros. De modo geral, a mãe ditava as regras e o filho não obedecia, desafiava, era irônico e reclamava de tudo. A seguir, a mãe se irritava, gritava, e o ambiente familiar ficava sempre tenso e conflituoso.

Esse contexto familiar, então, encontrava-se permeado por sentimentos de raiva, desrespeito, tristeza e desesperança acerca da possibilidade de transformação. Este impasse comunicacional, onde o debate imperava, necessitava urgentemente transformar-se num ambiente de diálogo e colaboração.

O processo psicoterapêutico havia iniciado há seis meses por indicação médica, já que o filho de 10 anos apresentava sintoma de encoprese. Após o encaminhamento desse menino, como “cliente identificado” iniciou-se o atendimento individual da criança. Percebendo o relacionamento conflituoso mãe/filho o processo psicoterapêutico passou a incluir a mãe nos atendimentos. Como a mãe sempre trazia o filho e ficava aguardando na recepção ela era convidada a participar da consulta, no início ou no final, sempre com a autorização da criança. Às vezes, a mãe solicitava conversar com a terapeuta antes do atendimento do filho para expor situações conflitivas entre eles ou de problemas de disciplina escolar. Foram feitos também atendimentos individuais à mãe em momentos distintos do horário do filho. Além disso, por vezes, já chegavam brigando e ambos eram conduzidos à consulta, na tentativa de mediação das situações conflitivas. Houveram várias mediações de conflitos, quando observou-se a necessidade em conjunto com a ideia de solicitar a participação da equipe reflexiva.

Eu (Mayara) aceitei participar da equipe juntamente com mais 4 colegas do VII ICCP/INTERFACI por me familiarizar com os processos reflexivos e ter comigo essa prática. Desde a minha última formação venho estudando sobre ampliar

os processos reflexivos para terapeutas que atendem sem equipe e quando a Silvana me chamou para participar e escrever com ela aceitei na hora, por ser mais uma forma de se ter equipe reflexiva, mais uma possibilidade de ampliação dos processos reflexivos nos contextos de formação para as práticas na clínica particular.

### **Organizando o atendimento via zoom**

Iniciamos, então, a organização dessa possibilidade, marcando um encontro pelo *Zoom*, no qual nossa equipe estaria presente via imagem no celular. Todos estariam conectados a consulta via internet, cada uma em sua cidade (três em São Paulo, uma em Ribeirão Preto e Mayara em Ourinhos). A consulta aconteceu em Goiânia, no consultório privado de Silvana.

Alguns objetivos e desafios perpassavam essa situação:

1. Os clientes aceitariam?
2. A tecnologia seria invasiva à consulta para o terapeuta e/ou para os clientes?
3. A equipe reflexiva via internet traria “reflexões” co-construtivas e atingiria os efeitos da escuta da equipe reflexiva sem o uso da internet?
4. É possível co-construir um espaço de aprendizagem e reflexões colaborativa usando a internet como instrumento de encontro?

Após aceite e autorizado pelos clientes e, equipe reflexiva formada, procedemos então a organização do “encontro” cheios de expectativas e motivação. A organização ocorreu durante a reunião mensal dos alunos do curso do VII ICCP/INTERFACI via *Zoom*, quando combinou-se todos os detalhes do atendimento.

A sessão foi composta então pela terapeuta Silvana, a família, sendo a mãe (39 anos) e o filho (10 anos) e a equipe reflexiva: 5 pessoas do grupo do VII ICCP/INTERFACI que aceitaram o desafio e poderiam participar no dia e horário da consulta. Todos os membros eram mulheres: 4 psicólogas (eu Mayara, Alessandra Patrício, Anaclara Miranda Rodrigues, Valéria Nicolau Paschoal) e uma mediadora (Rosângela (Lolo) Polati).

### **O convite à família**

O convite foi feito a ambos após uma explicação do funcionamento da equipe reflexiva e da consulta: “seriam pessoas que escutariam as falas deles e que posteriormente fariam o que sentiram com a escuta”. Esse formato de atendimento ia de encontro à necessidade da terapeuta e de mãe/filho de produzir

mudanças já que os conflitos haviam se intensificado muito nas últimas semanas culminado com um sentimento de desesperança e imobilidade de todos os envolvidos. Também lhes foi explicado que a participação da equipe reflexiva seria via internet, pelo celular e que seria gravada para posterior transcrição.

A mãe aceitou de pronto e efusivamente a participação da equipe, alegando que se encontrava no momento muito desesperançosa com as brigas e necessitava de ajuda pois, naquele momento, sentia-se no fundo do poço em relação ao filho. O filho, a princípio rejeitou a ideia, mas após nova explicação, quando compreendeu que o funcionamento seria via *Zoom*, prontamente concordou, por ser esse o meio de participação. Ele é apaixonado por computador, jogos e *YouTube*. Foram esclarecidos à mãe e ao filho aspectos éticos e da necessidade de usar o material em trabalhos científicos. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a autorização da participação do filho menor, foram assinados pela mãe, que é advogada, e concordou com todos os termos. Antes do início da consulta todas as regras e normas foram novamente explicitadas e ambos concordaram novamente.

### **Realizando a consulta com a equipe reflexiva via *Zoom***

A sala foi preparada para o funcionamento com a equipe reflexiva via *Zoom* e foi testada antes de mãe e filho entrarem. O celular ficou fixado num tripé em cima do armário de modo que captasse a imagem de todos. Quando mãe e filho adentraram a sala e se sentaram, novamente foi explicado a eles como transcorreria a sessão. A equipe reflexiva, a princípio, estava com seus microfones no mudo, e apenas assistiam a sessão. A apresentação da equipe foi apenas de que eram 5 pessoas que participavam do curso com a terapeuta e que era composta por 4 psicólogas e uma mediadora.

A seguir, a terapeuta dirigiu-se a ambos e explicou que a equipe reflexiva não sabia nada da história deles, momento no qual a mãe se surpreendeu. A família foi indagada acerca da expectativa que tinham e o que gostariam que acontecesse no encontro. A mãe gostaria que a equipe falasse algo que ela pudesse levar para casa para pensar, dicas para melhorar sua qualidade de vida, e o filho disse que gostaria que a mãe desse tempo para ele dormir e não ficasse pegando tanto no pé dele.

Na sequência a terapeuta solicita que ambos relatem o que acham importante que a equipe saiba sobre suas histórias de vida, e a mãe começa dizendo que o objetivo dela é tratar o problema da encoprese, sendo essa a quarta terapia que traz o filho. Em setembro nasceu sua filha e os últimos 12 meses tem

sido difíceis. Diz que a princípio achava que a encoprese era uma doença, mas vê que hoje é o sintoma, só não sabe da onde vem esse sintoma, e que antes era um tabu, não falavam disso, mas agora falam e ela tenta estabelecer limites, a encoprese não é dela e sim dele e não se sente culpada por isso, sente tristeza. E termina sua fala dizendo que não tem pegado mais tanto no pé dele, mas que fica num paradoxo: “se pega reclama, se não pega reclama, fico insegura” (sic).

Como o filho tem dificuldades para iniciar seu relato, a mãe o interpela para ele colaborar e o indaga se ele não acha que a encoprese é um problema, momento no qual ele diz que sim. E acrescenta dizendo que é libertador sua mãe não pegar mais tanto no pé dele, que pode jogar videogame, chamar seus amigos. A mãe diz que o padrasto intermediou a negociação de jogar videogame com respeitar a mãe e fazer suas tarefas, mas que agora o poder está no videogame e o dia que ele enjoar não vai mais ter o controle. E o filho responde dizendo que isso é balela, que ela sempre vai ter o controle e que sente mais confiança na mãe com ela vigiando menos, e que antes ela mentia mais, prometia algo e não dava. A mãe nesse momento retruca dizendo que está cansada de ser chamada de mentirosa, que se sente frustrada como mãe e que o filho só se importa com o ter. Filho nesse momento também fica bravo, faz cara feia e cruza os braços balançando a cabeça dizendo que não quer mais falar. Impõem-se um silêncio. A seguir ele acrescenta: “Não vou ser escutado mesmo. Quero morar com meu pai” (sic). Mãe responde que conversou com o pai, mas o pai não quer assumir esta responsabilidade.

Com os dois emburrados e em silêncio, a terapeuta pergunta se ambos não tem mais nada a acrescentar em suas histórias, dizem que não, e passamos a escutar a equipe reflexiva:

*Valéria* diz que vê a forma como conversam igual a um jogo, bate e rebate. E fica pensando o quanto o cocô que sai é uma verdade que não tem argumento. Quando ouve a questão de prender e libertar, pensa na areia, quanto mais apertamos a areia, mais ela escapa, e esse cocô também escapa, e quando afrouxa um pouco o quanto isso é libertador. E ela complementa sua fala dizendo que esses problemas são um *iceberg* de muitas coisas que estão embaixo. *Anaclara* diz que vê no cansaço o quanto eles tem que se policiar, um cansaço que enjaula, se um não pode ajudar o outro nesse processo de polícia e liberdade. *Alessandra* fala sobre a mentira, sobre como as comunicações não são claras e que poderiam ser vistas de uma maneira encantadora, o cuidado com o outro, ao invés de serem vistas como um policiamento. E diz que não dá para ter confiança sem uma comunicação clara. *Mayara* complementa a fala de Valéria relacionando a ponta do *iceberg* com o *videogame*, se questionando sobre o que

ele joga, o que está aprendendo no jogo, o que os dois podem aprender com o *videogame*, o que podem jogar juntos, sendo esse um ponto de partida para uma comunicação mais clara e para outros assuntos. *Lolo* puxando a fala de *Mayara* diz que no *videogame* temos objetivos, limites, tacadas certas e ficou pensando qual seria o limite nesse jogo dos dois. A comunicação ainda não existe porque não tem limites claros, e sugere que criem um jogo juntos trazendo as regras claras.

A mãe enquanto escutava a equipe reflexiva visivelmente se emocionou e disse que se sente a culpada da história, principalmente quando ouviu a primeira fala, e que está aprendendo a negociar mais com o filho. Diz que queria que ele fosse uma criança feliz, que as coisas fossem mais leves, que ela se esforça, cuida dele, que não pode contar com o pai e que as vezes tem vontade de desistir de tudo. Nesses momentos ela fala que perde o prazer pela maternidade, porque se dedica tanto para ouvir que a culpa do cocô é dela e fica sem saber o que fazer.

Nesse momento a terapeuta pergunta ao filho como ele se sentiu ouvindo tudo isso e ele responde que no começo sentiu que era responsável, mas que depois a mãe pegou para ela essa responsabilidade, ficava cobrando ele o tempo todo. “Estou tentando pegar para mim essa responsabilidade de novo, como o exemplo da areia, quanto mais aprisiona, mais escapa”, responde a mãe. Terapeuta pergunta pra mãe que está visivelmente chateada e chorosa se ela gostaria de escutar novamente a equipe reflexiva e sanar suas dúvidas e a forma como entendeu a fala da areia, a mesma responde que sim. *Silvana* diz que entendeu que o que escorre é o controle, não o cocô, e que isso faz parte do filho e da autonomia dele.

*Valéria* diz então que essa imagem que veio não é uma verdade absoluta, que surgiram várias reflexões e não tem uma certa. A areia foi uma imagem de sentimento pela fala deles, não que é uma resposta ou razão pela qual o cocô escapa. E agradece a oportunidade de poder falar novamente e esclarecer que não são 5 especialistas, mas sim 5 pessoas que estudam muito e se sentem tocadas de maneiras diferentes sobre o que escutam. A seguir encerramos a sessão. Enquanto são acompanhados pela terapeuta à recepção duas atitudes contrárias chamam a atenção. O filho, sorridente abraça a terapeuta efusivamente. A mãe continua chateada dizendo que não é culpada.

### **Reflexões da terapeuta e da equipe reflexiva após o atendimento**

Em contato pelo whatsapp a equipe reflexiva solicita ao terapeuta urgência

na reflexão sobre a consulta. Nesse encontro, a equipe demonstrou preocupação a respeito do formato via *Zoom*. Se a família e/ou o terapeuta se sentiram invadidos? Se foi produtivo? Se ficaram na posição de “especialistas” diante da família?

Embora as presenças da equipe estivessem no aparelho celular à uma certa distância, a mãe e o filho olhavam com frequência para o aparelho o que a deixou em destaque. A equipe, de modo geral, sentiu como se as reflexões que fizeram tivessem um peso enorme na escuta da família.

Silvana chegou à reunião do *Zoom* após o atendimento muito feliz com o que acabara de ocorrer, afinal, as discussões, e situações de tensão e conflito eram a tônica dos atendimentos dessa família. Sentiu-se muito confortável e apoiada com a presença da equipe para a sua surpresa. Antes do atendimento esperava que fosse ficar constrangida, mas se surpreendeu ao ver que a equipe de reflexão foi quem ficou “constrangida”, sentindo-se como invadindo a consulta e sendo vista na posição de especialistas. Além disso, de modo unusual, no momento de tensão, quando a mãe não gostou da fala da primeira pessoa que fez a reflexão, e foi indagada se ela gostaria de ouvir novamente, isso gerou dúvidas se “deveria” ou “poderia” ter ocorrido. Todos concluíram naquele momento que tem acontecimentos imprevistos que ocorrem e devem ser absorvidos no contexto.

Conversamos também a respeito do melhor posicionamento da câmara e sobre questões éticas do atendimento. Eu (Silvana) estava naquele momento impregnada com o olhar de felicidade lançado pelo filho e seu abraço efusivo (que não era comum) ao final da consulta. Então, dois polos de sentimentos antagônicos permearam o clima dessa nossa reunião, por um lado a terapeuta satisfeita e feliz e por outro a equipe preocupada com a tensão e as questões técnicas do atendimento.

Com o objetivo de organizar nossa compreensão dessa forma de funcionamento via *Zoom*, eu (Silvana) e Mayara, elaboramos 4 (quatro) perguntas para os participantes da equipe darem suas reflexões, sendo elas:

1. Como vocês se sentiram como equipe reflexiva após o atendimento via zoom?
2. O que vocês mudariam ou acrescentariam nessa forma de atendimento?
3. Quais reflexões vocês fizeram após o atendimento?
4. Quais os pontos mais importantes que vocês destacariam após essa forma de equipe reflexiva?

Obtivemos os seguintes relatos:

Em relação a primeira pergunta, *Mayara* relatou que a internet não foi ne-

nhum empecilho para agregar outras vozes a família. Já *Lolo*, ficou com uma sensação de exposição, como se o grupo reflexivo estivesse no holofote do atendimento e não o atendimento sendo a principal peça da terapia. *Anaclara* relatou que no momento de conversar com a equipe ficou um pouco confusa, sem saber como interagir com a equipe nesse formato, mas, resolveu essa dificuldade olhando para a tela das outras pessoas da equipe. *Valéria* destacou que a princípio estava preocupada e curiosa em vivenciar este processo e perceber como ele iria se dar e as repercussões em nós e nos clientes. Sentiu-se à vontade para expor suas reflexões durante e após o atendimento. A valorização da fala de cada uma de nós pelos membros da equipe e da terapeuta foi importante, assim como o respeito que permeou nossas conversas. *Alessandra*, ficou apreensiva e após o transcorrido, preocupou-se com a possibilidade das reflexões ressoarem de modo negativo no processo psicoterapêutico.

Em relação ao item 2, *Mayara* sugeriu disponibilizar pelo menos 1 hora e 30 minutos para a realização do trabalho, sendo 1 hora para o atendimento e 30 minutos depois para discussão da sessão, conversar sobre o trabalho, as impressões que cada um teve com o atendimento, o formato do trabalho. *Lolo* destacou que a imagem da equipe não deveria aparecer, mas sim observar sem serem vistos. Talvez colocar o celular num tripé atrás ou ao lado dos clientes. Para a *Anaclara*, poder tirar o foco da equipe, até mesmo para que ela perca a posição de especialista é um aspecto a se destacar. *Valéria*, indicou uma conversa mais tranquila previamente com todos os membros da equipe e terapeuta para alinhar a participação, discutir questões éticas como assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, e autorização do uso do vídeo em contextos de pesquisa. E *Alessandra*, nada sugeriu.

Em relação a terceira pergunta, refletiram após os atendimentos: *Mayara* acerca do cuidado ético, principalmente se for um caso a ser publicado. A internet tem muitas vantagens, mas precisamos tomar cuidado com o sigilo, protegendo o cliente para que esse não seja identificado se assim desejar. *Lolo* refletiu sobre o destaque que a cliente acabou dando a equipe no atendimento. Um convite para que o cliente ouça múltiplas vozes, além do terapeuta, poder ressignificar o papel da equipe como vozes reflexivas e não vozes de especialistas. *Anaclara* ponderou sobre o desconforto que gerou na família, especialmente na mãe. E *Alessandra* refletiu sobre a importância da nossa responsabilidade relacional, na falta de garantias de assertividade.

Em relação ao último item os pontos mais importantes destacados foram: *Mayara* disse sobre a facilidade de poder fazer parte de uma equipe com diferentes pessoas de diferentes regiões do país e, permitindo ao cliente a escuta

de diferentes vozes sobre aquele atendimento que podem ampliar as possibilidades, reflexões para o cliente. Com a internet não precisamos gastar com deslocamento, cliente não precisa pagar a mais por isso e participamos quando os horários coincidem, conforma nossa disponibilidade. *Lolo* destacou o quanto foi incrível a participação ao vivo durante um atendimento, observando e sentindo como ressoava o que via e ouvia cada participante. *Anaclara* acredita que a questão mais importante é a ampliação de vozes e perspectivas em um ambiente que geralmente não tem condições de ter vários terapeutas reunidos. *Valéria* achou muito marcante a especificidade com que cada cliente recebe as reflexões e o quanto a conversa terapêutica é uma caminhada sem destino prévio. A jornada terapêutica guiada pela colaboração e diálogo amplia formas de vida e quando outras vozes são convidadas para esta jornada, infinitas confluências de histórias são possíveis. Os relatos recebidos após a participação da equipe e nos atendimentos posteriores com a terapeuta, são tocantes e esperançosos! Uma linda lição para confiarmos nesse processo permeado por muito estudo e sutileza. Refletiu também sobre a importância de reflexões mais curtas e ligadas à demanda do cliente. De modo geral: cuidar da demanda do cliente, cuidar da nossa harmonia enquanto equipe, cuidar das questões éticas envolvidas no processo e cuidar das nossas palavras. E *Alessandra* destacou a aprendizagem que ocorreu com todos.

E por fim, em relação as reflexões da terapeuta Silvana, ela relata que ficou muito emocionada por poder contar com a Equipe reflexiva num atendimento nessa relação conflituosa mãe\filho. A ansiedade inicial se deu muito por causa do equipamento eletrônico: a posição da câmara do celular e se a equipe conseguiria escutar as falas de ambos. A sessão foi tranquila no início, mas, com o desenrolar foi ficando cada vez mais tensa com discussões entre mãe e filho e situações de impasse entre ambos. Embora a câmara com a imagem de todos os membros da equipe estivessem virado de frente para a família e a terapeuta, o sentimento de apoio foi a tônica. Percebeu que, os conflitos e discussões ocorreram como se a equipe não estivesse presente. O filho necessitou diversas vezes ser convidado para o diálogo, pois apresentava dificuldades na emissão de suas opiniões.

Durante as reflexões da equipe a mãe ficou bastante emocionada e após a escuta da mesma ela ficou muito chorosa, triste e decepcionada com o que ouviu, o que tornou muito tensa a sessão nesse momento. Nessa hora, fez-se um silêncio na consulta e foi difícil entender o que a mãe estava falando. Sugeriu, então, escutar novamente a primeira pessoa que havia falado. A mãe recusou, e então ela pediu ajuda do filho, que fez comentários contrários aos da mãe sobre

seu sentimento com a escuta. Como a mãe se sentiu culpada, ele apaziguou trazendo para si a responsabilidade da encoprese. Logo a seguir ela pede para ouvir novamente a equipe, mas, continuou se sentindo mal com a nova fala. Percebeu-se então que nada do que fosse falado iria mudar a escuta da mãe naquele momento e que talvez a necessidade da nova escuta tenha sido da terapeuta porque o impacto sentido pela mãe foi tão forte que, naquele momento, o ambiente ficou confuso.

### **Co-construindo novos atendimentos via zoom**

Em função das reflexões da equipe e do terapeuta, optamos por fazer um novo atendimento, dessa vez com um homem de 40 anos, nos mesmos moldes com algumas modificações no formato para avaliarmos os seguintes aspectos:

1. O fato da equipe ter se sentido muito em evidência acontece sempre no atendimento nesse formato?
2. A tensão ocorrida durante a consulta anterior tenderá a se repetir num próximo atendimento?
3. Como podemos aprimorar esse formato em benefício para os clientes e trazendo mais conforto para a equipe reflexiva?

Organizamos então o atendimento II, mudando apenas dois aspectos: a colocação da câmera com a equipe reflexiva atrás do cliente, e meia hora de reunião entre equipe e terapeuta logo após o término da sessão ainda via *Zoom*.

### **O convite ao cliente**

Um cliente de 40 anos foi convidado e aceitou prontamente a possibilidade da escuta de diferentes vozes a respeito de sua vida. Ele iniciou psicoterapia há quatro meses, vindo de outro processo psicoterapêutico de um ano. O cliente é casado há dez anos. A esposa tem 31 anos de idade. O casal encontra-se com muitas dificuldades de relacionamento e atualmente ela está morando em outra cidade de Goiás com duas filhas menores (3 e 10 anos), e ele viajando a trabalho a maior parte do tempo e, em alguns finais de semana indo ao encontro da família. Combinaram de terem esse “afastamento” antes da separação definitiva. A situação ao longo desses quatro meses de distanciamento vem aumentando a tensão gradativamente e ambos encontram-se ansiosos e dizendo-se no limite para a separação. A esposa foi atendida em separado a pedido dela e do marido, e em função da distância também. Alguns atendimentos são efetuados pelo *facetime* devido a urgência e impossibilidade do deslocamento da mesma para Goiânia.

A consulta iniciou-se após a anuência verbal e por escrito do cliente a respeito da gravação da sessão para posterior transcrição e publicação científica. E foi composta pelo cliente, pela terapeuta Silvana e equipe reflexiva: 5 psicólogas (eu Mayara, Alessandra Patrício, Anaclara Miranda Rodrigues, Monica Komora Vieira Côrtes, Valéria Nicolau Paschoal) e uma mediadora (Rosangela (Lolo) Polati). Além disso, foi explicado novamente o funcionamento da consulta. Apresentaremos a seguir um resumo dos trechos mais importantes das falas.

### **O atendimento II com a equipe reflexiva via zoom**

O cliente, indagado a respeito de sua expectativa com o atendimento, inicia falando que sua expectativa desse atendimento é abrir um pouco sua cabeça, assimilar melhor as coisas de sua vida, raciocinar um pouco mais, ampliar seus horizontes. E inicia seu relato dizendo que vem de uma família tradicional, sua mãe era muito fechada e se fechou mais ainda depois que seu pai morreu quando tinha 8 anos. Ele também se fechou e diz que perdeu a referência para o resto de sua vida. Disse que só teve 3 relacionamentos na sua vida, o último com sua esposa há 10 anos, que diz gostar dela, não amar. Casou com ela porque engravidou e em todos esses anos nunca tiveram uma conversa séria. Relatou que em casa era fechado, bravo e no trabalho mais aberto. A esposa era mais carinhosa, afetiva, ela se doava na relação e ele queria só sexo.

Ele falou que há 3 anos, com o relacionamento saturado, optaram por ter mais uma filha, e nesse momento chorou dizendo que a menina o abriu para o sentimento. Fez curso de PNL (Programação Neuro-Linguística) no trabalho e começou a compreender o que estava acontecendo ao longo de sua vida. Disse que se mudaram para Goiânia e ele resolveu se tornar mais afetivo e valorizar sua família. Emagreceu 44 quilos e foi fazer terapia. Depois dessa mudança ele disse que sua esposa não deu conta e não aceitou, e que hoje ele a ama, mas ela sempre acha que ele quer discutir, que não vai ajudar em nada como sempre.

Por fim, ele disse que sua mulher o traiu e ele descobriu e percebeu o quanto o relacionamento deles estava deteriorado e acabado, e tomou a decisão de permitir ela voltar a morar no interior de Goiás para tentarem algo, mas ela continua muito apática e instável. Disse que uns dias atrás ela o largou e saiu com as amigas e voltou de madrugada. Quando voltou, o chamou, fizeram sexo, mas foi puramente automático. Depois disso, ele relatou que se fechou novamente, mas que ama sua esposa e quer voltar a ter sua família.

Após não querer acrescentar mais nada ao seu relato, demos início a escuta da equipe reflexiva: *Valéria* iniciou se questionando como seria para a esposa ter

escutado todo esse relato, como isso a tocava. *Lolo* disse que também gostaria que ela escutasse toda essa história, mas que ao ouvir o relato dele se sentiu com falta de ar, de um inspirar e o outro expirar e prestar atenção na necessidade do outro. *Anaclara* diz que ficou presa na imagem do coração, nas linhas que sobem e descem e completa dizendo que a metáfora da respiração da *Lolo* a tocou porque a gente precisa de um coração pra bater e a gente precisa aprender a respirar. *Mayara* ficou pensando na questão da afetividade, como cada um entende, demonstra e sente o amor. *Alessandra* disse que ficou presa no começo da história, a perda da mãe. Aprendeu-se muito cedo que as pessoas se vão, as coisas acabam, e então, devo viver intensamente como se acabasse a qualquer modo e muito rapidamente Ou não se vive? Evita-se viver para não sofrer a dor da perda de algo que se apegou muito? *Anaclara* muito emocionada acrescenta que está vivendo a perda de sua mãe, e faz toda diferença em sua vida entender que sua mãe não conseguia expressar através das palavras, mas quando voltava pra casa tinha sempre arroz, feijão e bife e farofa e aquilo era ela falando que a amava. A maioria da equipe se emociona muito nesse momento com essa fala. Por fim, *Mônica* diz que se lembrou quando um casal vai dançar, que não é fácil acertar o passo.

O cliente fica muito agradecido e pediu para se virar pra equipe e disse que as falas disseram muitas coisas importantes, as analogias da dança, do coração, da respiração. E que a muito tempo, essa dança não vem sendo praticada e sua ansiedade atrapalha. Contou que ela mandou um e-mail para ele dizendo que o amava, mas não da forma como ele queria, e viu que as formas de amar são diferentes como disseram, e o mesmo em relação a mãe, se distanciava, mas queria os filhos por perto. O cliente ficou muito emocionado o tempo todo durante essa reflexão, agradeceu e disse ter gostado desse método de trabalho. A terapeuta senta-se ao lado dele e relata a emoção com a escuta e o quanto essa escuta a tocou em aspectos pessoais e na compreensão dos significados da história dele. Ressalta o quanto foi especial e importante essa nova escuta.

## **Reflexões da terapeuta e equipe reflexiva após o atendimento II**

Ao final do atendimento, o cliente relata espontaneamente que gostou muito desse tipo de consulta e pergunta “qual o nome desse procedimento?” A equipe ficou curiosa em saber que nome ele daria a esse encontro, já que ele gostou tanto desse formato. O relato em geral, foi que, com a câmara nessa posição todos se sentiram muito bem, mais confortável. Todos enfatizaram a tranquilidade do clima, dos acordos bem feitos. A terapeuta relata que achou incrível sentir

toda a equipe dentro do consultório colaborativamente. Todas se sentiram muito bem com as reflexões que o cliente fez. A terapeuta, também ressalta, como a narrativa, durante a sessão, abriu um leque para ela que não havia percebido no discurso do cliente até então. Uma das pessoas da equipe questiona a reunião após a consulta sobre questões éticas, já que devemos cuidar para a proteção dos clientes. Conversamos também de inúmeras outras possibilidades da equipe reflexiva via *Zoom*.

A partir desse atendimento II foram elaboradas os seguintes questionamentos à equipe reflexiva:

1. Como se sentiram e foram tocadas pela segunda experiência com a equipe reflexiva via *Zoom*?
2. Qual a diferença e/ou diferenças em relação a primeira experiência?
3. Quais os pontos positivos e negativos dessa segunda experiência?
4. Após essa segunda experiência quais as sugestões e/ou comentários para o atendimento com equipe reflexiva via *Zoom*?

Obtivemos os seguintes relatos:

Em relação a primeira pergunta *Mayara* disse que se sentiu mais à vontade em relação à tecnologia, *Lolo* se sentiu mais segura e uma energia diferente. Já *Analcara* ficou muito tocada e emocionada pois muito da história trazida pelo cliente ressoou com sua vida pessoal, *Valéria* disse que parecia que todas estavam mais tranquilas nesse segundo atendimento e a partir da reflexão feita pelo primeiro atendimento, atentou à demanda do cliente durante sua fala, que foi mais curta e direta. Às vezes muitas reflexões são possíveis, mas precisamos escolher aquela que achamos que será mais útil para o cliente e que não estenda muito o tempo da equipe. *Alessandra* relatou que se sentiu apreensiva novamente, como no primeiro atendimento, mas agora um pouco mais leve e *Mônica*, como não havia participado do primeiro atendimento, achou a experiência interessante e ficou impressionada em como o cliente se sentiu tocado pela equipe.

Quanto à segunda pergunta, *Mayara* disse que a maior diferença que sentiu foi em relação aos casos: no atendimento II recebemos um feedback imediato por parte do cliente de ter gostado de nossas reflexões, diferente do primeiro que recebemos as ressonâncias da equipe no decorrer dos dias. Se sentiu melhor com a câmera não tão visível aos clientes, pois proporcionou com que todos estivessem ali *com* o cliente. O sentimento foi de colaboração mútua entre todos. *Lolo* apontou em relação as diferenças, que nesse segundo atendimento houve um relaxamento no grupo, um campo de interação e emoção diferente. *Anaclara* disse que houveram grandes diferenças por serem histórias bastante diferentes. Apontou a diferença de que pelo fato de não se ver o rosto do cliente perde-se

um pouco da percepção da linguagem não verbal. Por outro lado, conduz a necessidade de se ter mais atenção ao que o cliente gostaria de passar, e nos significados que ele estava construindo. Para *Valéria* a disposição da câmera foi um diferencial que deixou a equipe mais livre para conversar entre a própria equipe, e não *para* o cliente e nem *do* cliente, e disse que a forma como a entrevista foi iniciada colocou a equipe numa posição mais confortável. *Alessandra* disse que sentiu uma receptividade maior, até por tudo que envolveu o primeiro atendimento: tema, presença de ambos, os conflitos, abertura dos clientes, questões de dificuldades individuais. E *Mônica* não disse nada a respeito.

Sobre a terceira pergunta *Mayara* apontou como positivo o fato de ter um momento de reflexão após o atendimento que gerou reflexões sobre os cuidados éticos, formatos de atendimento entre outras possibilidade. Não apontou nada de negativo, assim como *Lolo* que apenas mencionou o ganho dessa experiência para nós e para o cliente e *Anaclara* que disse da possibilidade de ampliar as vozes e construir novos significados mesmo estando a quilômetros de distância. *Valéria* apenas ressaltou a emoção e envolvimento de todos com a história do cliente. Já *Alessandra* colocou o fato de as reflexões serem bem acolhidas e *Mônica* enfatizou a disposição do cliente em nos ouvir.

Na quarta pergunta, *Mayara* respondeu que gostou da nova posição da câmera e que continue os trinta minutos de conversação após o atendimento ainda via *Zoom*. *Lolo* disse que não mudaria nada, apenas buscar novas formas de atuação da equipe reflexiva, como faz Stephen Madigan, escrever e ler cartas, ou Sylvia London, uma forma mais interativa entre cliente e equipe. *Anaclara* ficou pensando em uma construção de equipe junto com o cliente, numa forma que todos fiquem confortáveis, até mesmo ver a posição da câmera. *Valéria* sugeriu pensar num termo de confidencialidade para assinatura dos membros da equipe. *Alessandra* apontou a possibilidade de se testar outros meios de comunicação a distância, por ser uma realidade presente que dá certo. E por último, *Mônica* enfatizou que esse formato de trabalho para ela é muito novo ainda, e que conforme praticamos ficaremos mais tranquilos para expor nossas percepções e então possibilitar novas reflexões úteis ao cliente.

Para finalizar, em relação as reflexões da terapeuta, a mesma disse que nesse atendimento, o sentimento que permeou foi a profunda emoção que invadiu a todos a medida que a consulta avançava. Por momentos, estavam todos tão conectados a narrativa que o aparato tecnológico assumiu uma posição secundária no contexto e a conexão que imperava na sala era a emoção. O cliente sentiu-se profundamente tocado pelas reflexões que emanavam das vozes desconhecidas e pediu para visualizá-las para agradecer. Todas da equipe, cliente e

terapeuta puderam vivenciar uma nova possibilidade de comunicação que transcendeu distâncias, a frieza, e a impessoalidade da internet, possibilitando várias reflexões sobre o trabalho terapêutico.

A “escuta” desse cliente nesse atendimento, foi para a terapeuta, como se o estivesse conhecendo ali, junto com a equipe. O resgate da narrativa da própria vida feita pelo cliente abriu a percepção terapêutica para novos caminhos. Nas consultas seguintes, o cliente perguntava pelas “meninas” da equipe reflexiva como se elas fossem muito próximo afetivamente dele. Relatou que, se sentiu acolhido por elas, e ter compartilhado sua história o fez mais forte emocionalmente.

### **Conclusão**

Shotter (2010) traduz o nosso papel de psicoterapeutas conscientes dizendo que apenas podemos trazer a possibilidade da construção do espaço onde as mudanças possam ocorrer. Mas esse *apenas*, pode tornar-se grandioso quando exercitamos a coragem e a criatividade de abrir espaço para a inovação. Somado a isto, a criatividade, a coragem e a audácia de Andersen (2002) em propor esse cenário onde o terapeuta perde a condução poderosa da consulta, e, nos brinda com essa potente possibilidade da Equipe Reflexiva, não poderíamos nos abster de avançar no mundo contemporâneo dominado pela tecnologia, e trazer esse recurso para dentro do processo terapêutico. Claro que toda inovação assusta e tem que sofrer adaptações, como não se preocupar tanto em estar *com* o cliente ou *para* o cliente, como ocorreu no primeiro atendimento. Nosso intuito aqui, desde o início, foi de inovar esse uso da tecnologia como uma possibilidade de construção de um novo cenário capaz de provocar mudanças e trazer benefícios para todos os envolvidos no processo, com destaque ao cliente e/ou família que estiver conosco.

Logo de início ficamos pasmos com a facilidade com que os clientes aceitaram nossa proposta e, mais do que isso, ficaram tranquilos e ansiosamente motivados com essa possibilidade. Refletimos que as pessoas estão ávidas por ajuda e que qualquer possibilidade que aumente esse ganho é bem-vinda. Ficamos surpresos também, que vários outros clientes gostariam de poder contar com uma equipe reflexiva via *Zoom*. Temos que começar a nos perguntar se as maiores dificuldades com as inovações não vêm exatamente de nós, terapeutas, que temos a obrigação de estar progredindo e avançando.

Claro que devemos estar atentos ao respeito pelos clientes e ter sempre a ética como parceira dessa construção. Nossa primeira preocupação era se a

equipe de reflexão via Zoom seria invasiva no contexto terapêutico. E, mais um vez para nossa surpresa, percebemos que no primeiro atendimento a mesma se sentiu mais invadida do que os clientes e a terapeuta, que ao contrário se sentiu apoiada. Com essa preocupação, mudamos o local da câmera no segundo atendimento, e desde o início o cliente queria estar de frente para a equipe, e ao final quando solicitou se virar ficou profundamente emocionado com o contato. Então nos perguntamos: para quem a tecnologia é “assustadora”? Com esse recurso conseguimos fazer essa diferenciação de *estar com* ao invés de *para* o cliente?

As reflexões dos clientes, da equipe e da terapeuta deixaram claro ao longo dos atendimentos e nos encontros via Zoom que a internet não atrapalhou em nada as aprendizagens e as reflexões colaborativas, ao contrário, obtiveram os mesmos resultados dos processos presenciais. Além disso, do mesmo modo que nos atendimentos com equipes reflexivas presenciais, as reflexões continuaram ao logo das semanas produzindo mudanças. O primeiro atendimento, que foi cheio de divergências entre mãe e filho e posteriormente entre mãe e equipe, a princípio pareceu que nada havia produzido. Nas duas semanas seguintes, a tensão entre mãe e filho aumentaram. A terapeuta na ocasião ficou bastante apreensiva e com receio dos conflitos evoluírem. A mãe, então, fez uma viagem sem o filho, quando retornou após três semanas, ambos estavam sorridentes, amigáveis e conversando. Durante a viagem da mãe, o filho e a avó materna tiveram conflitos com o pai. O filho passou a elogiar a mãe e a relatar as dificuldades do pai com ele. Com as mudanças cada vez mais presentes, durante a sessão seguinte com o filho, quando a terapeuta indagou se tinha gostado do atendimento com a equipe, o mesmo deu o seguinte relato: “Não sei se gostei ou não, mas fiquei impressionado com o sofrimento da minha mãe por causa do meu cocô. Igual a moça falou da areia que escapa. Meu cocô escapava, mas, eu não sofria. Mas... ela sofre muito.” Quando a terapeuta se dirige a recepção e pergunta se a mãe gostaria de entrar, ela responde: “Não precisa, meu filho nunca esteve tão bem. Estamos ótimos. Nem por causa do vídeo game estamos brigando.”

Essa é a magia da abertura a novas narrativas e escuta do contexto terapêutico que antes era tão fechado e restrito. A possibilidade da transformação vêm da onde menos esperamos. Ou como nos lembra Harlene Anderson (*apud* Grandesso, 2017) as transformações ocorrem na dinâmica das relações e das conversações. Isto é, nós como profissionais podemos convidar, facilitar e sustentar as condições e o espaço para a colaboração e o diálogo.

No segundo atendimento, o processo polifônico de “estar com” (*“withness”*), expressão cunhada por Anderson, desenvolveu-se durante todo o atendimento.

O engajamento com a equipe reflexiva após a escuta das vozes foi imediato. A emoção invadiu a sala de atendimento num consultório em Goiânia e a todos os presentes, cada um em seu local (São Paulo, Washington, Ourinhos e Ribeirão Preto). Incrível a possibilidade de um aparelho celular, que na ocasião tinha a presença de seis pessoas, proporcionar a ausência de distância geográfica e unir a todos em uma mesma conexão. Apesar de na semana seguinte a sessão a esposa do rapaz ter pedido a separação, o mesmo relata que está se sentindo bem com o novo processo que se iniciou apesar de não ser o seu desejo.

Com esses desdobramentos dos atendimentos com a equipe, destacamos do primeiro atendimento, a partir das reflexões de cada um, que a internet não impediu que a emoção fluísse e favoreceu que a família ouvisse diversas vozes de diferentes locais do país, sem custo algum de deslocamento. Também foi possível notar sentimentos de respeito e colaboração entre as conversas, amparo e apoio ao terapeuta e sentimento de enriquecimento pessoal e profissional por parte dos profissionais, além do fortalecimento de uma rede de aprendizado e amizade.

Desse primeiro momento foram geradas questões muito pertinentes a futuros trabalhos como a posição da câmera, cuidados éticos, supervisão após a sessão. Com isso, para o segundo atendimento, a câmera foi colocada detrás dos clientes de modo que os mesmos apenas escutavam as vozes da equipe e, foi disponibilizado trinta minutos após o término do atendimento para a reunião da equipe com o terapeuta. Após esse atendimento, os membros da equipe se sentiram bem mais à vontade em relação a tecnologia. Desse segundo momento destacamos que a equipe apresentou falas mais curtas e harmoniosas com a demanda do cliente, também surgiram reflexões em relação ao termo de consentimento livre e esclarecido aos membros da equipe, não somente aos clientes. Além disso, sugeriram a ampliação das reflexões com a solicitação da escrita de cartas dos clientes sobre o atendimentos ou outros aspectos necessário.

Com todos esses ganhos, aprendizagens e inovações, destacamos uma reflexão dada por um dos membros da equipe que sintetiza nossa jornada ao longo desse trabalho, além de ser uma forma de agradecimento a essas coautoras que muito colaboraram com suas participações nos atendimentos e reflexões:

A jornada terapêutica guiada pela colaboração e diálogo amplia formas de vida e quando outras vozes são convidadas para esta jornada, infinitas confluências de histórias são possíveis. Os relatos recebidos após a participação da equipe e nos atendimentos posteriores com a terapeuta, são tocantes e esperançosos. Uma linda lição para confiarmos nesse processo permeado por muito estudo e sutileza (Valéria).

Por fim, percebemos o quanto é possível e viável essa prática com a equipe reflexiva via Zoom e o quanto os benefícios superaram em muito as dificuldades emergidas desse novo formato. Essa inovação na terapia trouxe luz para as possibilidades transformadoras do diálogo colaborativo e abriu espaço para que a “solidão” do terapeuta diante da imensidão do outro possa tornar-se palco de trocas e novas descobertas.

### Referências

- Andersen, T. (2002). *Processos reflexivos* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Instituto NOOS: ITF.
- Anderson, R. (2009). *Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia*. São Paulo: Roca.
- Anderson, R.; Goolishian, R. (1988). Human systems as linguistic system: preliminary and evolving ideias about the implications for clinical theory. *Family Process*, 27, pp. 371-393.
- Grandesso, M. (2011). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Grandesso, M. (Org). (2017). *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas* (1a. ed.). Curitiba: CRV.
- Nichols, M. P.; & Schwartz, R. M. (2007). Terapia familiar no século XXI. In M. P. Nichols & R. M. Schwartz *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos* (pp.283-317). Porto Alegre: Artmed.
- Shotter, J. (2010). *Social construction on the edge: `Whitness` - thinking & embodiment*. Ohio: Taos Institute Publications.

### Endereço para correspondência

mayaralabs@hotmail.com

Enviado em 19/02/2018

1ª revisão em 04/05/2018

2ª revisão em 19/06/2018

Aceito em 20/06/2018